

Mundos em contraponto: exílio e memória em Edward Said

Alessandra El Far¹

Resumo: Este artigo procura explorar o diálogo entre dois textos de Edward Said: o artigo “Reflexões sobre o exílio”, publicado em 1984 na revista inglesa *Granta*, e suas memórias, escritas entre 1994 e 1999, que receberam por título a expressão em inglês *Out of place*. Se, em suas memórias, Said evoca o sentimento de deslocamento que o acompanhou por toda a vida, em razão de ter nascido em Jerusalém e crescido no Egito, onde também recebeu educação ocidental; em *Reflexões sobre o exílio*, Said aponta na experiência do exílio a possibilidade de sobrepor mundos, como alude o conceito contrapontística, na teoria musical, conferindo ao sujeito deslocado, apartado de sua terra natal, a justaposição de diferentes perspectivas culturais, algo capaz de reduzir essencialismos e ampliar a “originalidade da visão”. Este artigo procurará analisar igualmente as memórias de Edward Said como um lugar de fala e, nesse sentido, como uma narrativa que ao lançar luz às experiências coloniais vividas por ele desde a infância acaba por estabelecer fortes vínculos com sua própria obra intelectual.

Palavras-chave: Edward Said; Exílio; Representação; Memórias, Pós-colonialismo.

¹ Professora de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7998-3710>. E-mail: el.far@unifesp.br.

WORLDS IN COUNTERPOINT: EXILE AND MEMORY IN EDWARD SAID

Abstract: This article seeks to explore the dialogue between two texts written by Edward Said: the article *Reflections on exile*, published in 1984 in the British magazine *Granta*, and his memoirs, written between 1994 and 1999, which were entitled with the expression *Out of place*. If, in his memoirs, Said evokes repeatedly the feeling of displacement that accompanied him for all his life, due to having been born in Jerusalem and raised in Egypt where he received Western education; in *Reflections on exile*, Said points out in experience of exile the possibility of overlapping worlds, as the contrapuntal concept alludes to, in musical theory, conferring on the displaced subject, separated from his homeland, the juxtaposition of different cultural perspectives, something capable of reducing essentialisms and expanding the “originality of vision”. This article will also seek to analyze Edward Said’s memories as a place of speech and, in this sense, as a narrative that, when shedding light on the colonial experiences lived by him since childhood, establishes strong links with his own intellectual work.

Keywords: Edward Said; Exile; Representation; Memory; Post-colonialism.

O exílio e o mundo como terra estrangeira

O exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele ou ele nos acontece.
Edward Said

Em 1993, Edward Said publicou *Cultura e imperialismo*, em suas palavras, uma obra que procura ampliar a argumentação já proposta em *Orientalismo* (1978), adentrando ainda mais nas relações entre o Ocidente moderno e seus territórios ultramarinos. Na introdução, Said expõe seu enfoque analítico e metodológico para então informar ao leitor seu lugar de fala: “esta obra é o livro de um exilado”. “Por razões objetivas sobre as quais não tive controle”, continua Said, “cresci como árabe com educação ocidental. Desde minhas mais remotas lembranças, sentia que pertencia aos dois mundos, sem ser totalmente *de um ou de outro*”.²

² SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 1 e 29.

Nesse mesmo ano, as ideias contidas em *Cultura e imperialismo* foram divulgadas para um público mais amplo no programa de televisão *Arena Series*, produzido pela BBC, que teve por título “The idea of empire”. O documentário começa com uma breve cena de Said em seu escritório escrevendo em silêncio. Imerso no fluxo de suas ideias, ele está levemente desfocado enquanto parte de um globo terrestre, parcialmente iluminado, ocupa o primeiro plano. Há nesse momento, por um narrador externo que não vemos, uma breve apresentação da obra. Logo em seguida, o rosto de Said surge no centro da tela e suas palavras passam a elucidar sua perspectiva crítica, que identifica nas grandes obras da moderna cultura ocidental a ideia de império. Imagens são veiculadas fazendo referência à dinâmica colonial, mas, com elas, algo também é assinalado, a imaginação orientalista baseada em representações ideológicas de dominação e poder.

Após esse breve prólogo, o espectador é levado para Nova York. Vê-se a frente de um prédio residencial e pouco depois o interior do apartamento de Edward Said, que se encontra à mesa com sua família em um jantar casual e intimista. Todos conversam em árabe. Com voz em *off*, Said apresenta sua esposa, Mariam, e seus dois filhos, Wadie e Najla. A câmara percorre os porta-retratos sobre os móveis da sala. Nas fotos vemos Said em sua infância vestindo túnicas árabes, diferente de seus filhos, em uma outra imagem, ainda pequenos, usando uniformes de escolas norte-americanas. Educados em Nova York, a história de Wadie e Najla contrastam, conta Said, significativamente com a sua, que teve como ponto de partida seu nascimento no mundo árabe, especificamente em Jerusalém no ano de 1935.

Quando Said menciona sua educação inglesa na Palestina e no Cairo, cenas de sua infância são exibidas, em sequência, graças ao costume que seu pai tinha de filmar a família em diferentes ocasiões com sua câmara de 8 milímetros. Nessa altura, semelhante às palavras contidas na introdução de *Cultura e imperialismo*, Said registra seu sentimento de pertencer a mais de um mundo, sem ser completamente de um ou de outro. Em 1947, aos doze anos, devido à crescente ocupação israelense, Said relata que visitou a Palestina pela última vez, e é nesse momento que ele expõe sua visão acerca do exílio. “A experiência do exílio”, diz ele, “não é algo que eu considero necessariamente triste ou marcado pela privação. O exílio pode fazer você ver as coisas com

mais de um par de olhos”. Ou seja, há para Said na vivência do degredo a coexistência de duas circunstâncias; a perda dolorosa da terra natal, irrecuperável e desorientadora, mas, intrínseca a ela, há a possibilidade de enxergar o mundo a partir de um novo olhar, que se adiciona ao anterior, devido ao contato ou à inserção do exiliado em um outro contexto cultural.

Essa perspectiva acerca do exílio, que aparece no documentário sem maiores implicações analíticas, na verdade já havia sido apresentada e contemplada no ensaio “Reflexões sobre o exílio”, publicado pela primeira vez em 1984, na revista inglesa *Granta*, quase dez anos antes do programa exibido pela BBC. Nesse texto, Said define o exílio como uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal”, para a seguir explorar os diferentes desdobramentos desse permanente estado de descontinuidade. Um deles seria o encontro com um universo cultural distinto, marcado por diferentes perspectivas sociais, que sobreposto às referências do local de origem acrescentaria ao exilado a possibilidade de uma consciência mais aberta, plural e compreensiva acerca do outro. Sabendo que “as pátrias são sempre provisórias”, o exilado, não mais fechado “na segurança de um território familiar”, poderia, com isso, justapor experiências, quer dizer, realizar suas atividades no novo ambiente tendo como “pano de fundo da memória” o lugar de onde veio. Ambas as vivências, nas suas palavras, ocorreriam de modo semelhante ao *contraponto*, conceito usado na teoria musical. Explica Said:

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*.³

Ao romper “as barreiras do pensamento e da experiência”, o exilado torna-se assim consciente de outras vivências culturais, que sobrepostas são capazes de reduzir “o julgamento ortodoxo” e “elevar a simpatia compreensiva”⁴. Sob esse ângulo, o exílio não seria unicamente

³ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 59.

⁴ *Ibidem*, pp. 58-9.

a perda da terra natal, mas ao seu modo um caminho que “possibilita a originalidade da visão”.

Essa ideia de *contraponto* tão importante na percepção de Said sobre o exílio – que, como veremos a seguir, está intrinsecamente misturada com sua própria história de vida, mesclada desde sua infância entre o mundo árabe e sua educação inglesa e norte-americana – ganha relevância no texto no momento em que Said transcreve as palavras “assustadoramente belas” de um monge do século XII chamado Hugo de Saint Victor, que teria vivido na Saxônia. Primeiramente, o monge afirma que uma mente virtuosa é aquela que aprende a perceber as coisas da vida como transitórias e que graças a esse exercício as deixa, quando preciso, “completamente para trás”. E, então, diz:

O homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira. A alma frágil fixou seu amor em um ponto do mundo; o homem forte estendeu seu amor para todos os lugares; o homem perfeito extinguiu isso.⁵

Essas palavras haviam sido citadas, como salienta Said, por Erich Auerbach – que por vários anos viveu como exilado na Turquia –, quando buscava, em um de seus trabalhos, um modelo para aqueles que almejavam “transcender os limites nacionais ou provinciais”. Edward Said também as toma de empréstimo para sublinhar a importância do compromisso com a liberdade no processo de conhecimento da “experiência humana”, seja em sua diversidade ou particularidade. É nesse sentido que Said sublinha que o “homem forte”, mencionado pelo monge, não seria aquele que rejeita seu amor pela pátria ou os laços que os ligam a ela. Mas, sim, o homem ou a mulher que alcança “independência e desapego” ao entender que a perda é inerente ao próprio fato de ter uma pátria, sendo ela, como as coisas da vida, transitória e passageira. Assim, seu amor estende-se ao mundo inteiro. Mas o homem perfeito, por sua vez, vai adiante. Ele não se apega ao seu local de origem e tampouco transforma outros lugares em terra natal. Ele ou

⁵ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 58.

ela simplesmente passa a ver todos os lugares como terra estrangeira. A extinção da referência “terra natal” torna-se assim fundamental para aqueles que desejam alcançar a perfeição. Ou seja, muito diferente do homem fraco, de alma frágil, que ama um único lugar, ou do homem forte, que teve a habilidade pouco comum de transformar todo o mundo em sua terra natal; o homem perfeito transcende qualquer referência à noção de pertencimento, lugar de origem e fronteiras territoriais.

A louvável qualidade do homem perfeito e a “originalidade da visão”, que mundos em contraponto podem proporcionar, não apaziguam, como mostra Said ao longo de seu ensaio, entretanto, a dor e as trágicas consequências do sentimento de deslocamento daquele que foi banido de sua terra. A expressão “fratura incurável” cunhada por Said, logo no primeiro parágrafo de seu artigo, reflete também um estado de alma, para ele, uma “tristeza essencial” que jamais poderá ser superada. Esse sentimento, imbuído de angústia e frustração, fará parte de tudo o que o exilado fizer, porque com ele estará continuamente a sensação da “perda de algo deixado para trás para sempre”.

Ademais, o exílio para Said também é “insuportavelmente histórico”. Embora a expulsão de pessoas de suas terras e países tenha sido recorrente em outras épocas, o século XX, para Said, pode ser visto como a era do refugiado em consequência da imigração em massa provocada pelo enraizamento de governos totalitários ou da avassaladora presença de ambições imperialistas. Mesmo tendo a “literatura do exílio” registrado, pelas mãos habilidosas de diversos homens de letras, dolorosas experiências de deslocamentos, não se podem esquecer as incontáveis massas de homens e mulheres incógnitos, que nunca escreveram sobre seus infortúnios, o aniquilamento de seus direitos, a impossibilidade do retorno e as aflições da fome, doença e miséria. Paris, lembra Said, abrigou inúmeros exilados vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses e peruanos. No entanto, completa:

É preciso pensar também em Cairo, Beirute, Madagáscar, Bangkok, Cidade do México. À medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas “sem documentos” subitamente perdidas, sem uma história para contar. Para refletir sobre muçulmanos exilados da Índia, haitianos nos Estados Unidos, habitantes de Bikini na Oceania, ou

palestinos em todo o mundo árabe, é preciso deixar o modesto refúgio proporcionado pela subjetividade e apelar para a política de massa.⁶

Torna-se interessante notar que, quatro anos depois da publicação do ensaio de Said, o poeta russo Joseph Brodsky, que em 1972 se exilou nos Estados Unidos, ao discorrer sobre a condição do escritor exilado em uma conferência, em Viena, de modo semelhante também colocou o “desenraizamento e a inadequação” como um “lugar-comum” do século XX. Em seu pronunciamento, Brodsky, antes de lançar luz sobre as expectativas e atitudes em torno da vida desses homens de letras levados ao degredo, em tom humanitário procurou lembrar sua audiência da existência dessa vasta massa incógnita de pessoas que, “por falta de termo melhor ou de maior grau de compaixão”, recebeu a denominação de migrante. Assim, disse Brodsky:

Imaginemos, por exemplo, os *Gastarbeiters* [trabalhadores convidados] turcos vagando pelas ruas da Alemanha Ocidental, sem entender ou invejando a realidade ao seu redor. Ou imaginemos os refugiados vietnamitas nos botes enfrentando o alto-mar ou já assentados em algum lugar do interior australiano. Imaginemos os imigrantes mexicanos se arrastando pelas ravinas do sul da Califórnia, passando pela polícia de fronteira e entrando no território dos Estados Unidos. Ou imaginemos os carregamentos de paquistaneses desembarcando em algum lugar do Kuwait ou da Arábia Saudita, ansiosos para trabalhar em serviços braçais que os locais, com a riqueza do petróleo, não aceitam fazer. Imaginemos as multidões de etíopes andando a pé pelo deserto até a Somália – ou é o contrário? – para fugir da fome. Bom, podemos parar por aqui porque já transcorreu o minuto que eu pedi a vocês, embora essa lista pudesse aumentar ainda muito.⁷

Essas pessoas, que nunca escreveram sobre seu destino e infortúnio, entregues à própria sorte, sem poder contar com a proteção ou o acolhimento de um governo, foram também lembradas por Edward Said em suas memórias, publicadas em 1999. Nesse longo relato, Said retoma o intenso sofrimento dos refugiados palestinos no Cairo, após a criação

⁶ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 49.

⁷ BRODSKY, Joseph. *Sobre o exílio*. Belo Horizonte: Âyné, 2018, pp. 15-6.

de Israel, em 1948, por meio da história de vida de sua tia Nabiha, irmã de seu pai. Mesmo tendo uma condição financeira favorável no Egito, tia Nabiha, em meio à sua angústia por já não ter um país para onde retornar ou para o qual reclamar proteção, voltou-se completamente para o trabalho solidário na tentativa de ajudar as pessoas que dia e noite batiam à sua porta em busca de abrigo e ajuda para conseguir vistos de residência, consultas médicas, tratamentos, remédios, dinheiro, comida e emprego. Nas palavras de Said:

Esse tormento sistemático dos indefesos, despossuídos e geralmente muito pobre palestinos tornou-se a obsessão de minha tia; ela o relatava sem parar e entremeava a narrativa com casos pungentes de desnutrição, disenteria ou leucemia na infância, famílias de dez pessoas vivendo num quarto, mulheres separadas dos maridos, crianças carentes pedindo esmolas, homens acometidos por hepatites incuráveis, esquistossomoses, distúrbios do fígado e dos pulmões. Ela nos repetiu tudo isso semana após semana por um período de pelo menos dez anos.⁸

Mas “o que essas experiências significam?”, pergunta Said em *Reflexões sobre o exílio*. “Não são elas, quase que por essência, irrecuperáveis?”. É por meio dessas indagações que Said chama a atenção para a intrínseca associação do exílio com o nacionalismo. Trata-se, para ele, de uma relação dialética, na qual o sentimento de pertencimento a um lugar, povo ou herança cultural, desenha as fronteiras que diferenciam “nós” e “outros”, relegando o indivíduo, arrancado de seu lugar de origem, a um insistente “estado de ser descontínuo.”⁹

Algumas pessoas no exílio podem reforçar ainda mais essa separação, criando uma “condição ciumenta”, uma atitude exagerada de solidariedade de grupo entre compatriotas que tratam de forma hostil os de fora. Esse “nacionalismo defensivo”, que promove um “etnocentrismo estridente”, seria, na perspectiva de Said, um dos aspectos menos atraentes que podem emergir no exílio. Pois é justamente ele que reforça uma visão inteiramente calcada na divisão e rigidez das distinções. Afinal de contas,

⁸ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 180-1.

⁹ *Idem*. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 50.

ao darmos como certa a pátria e a língua, diz Said, naturalizamos o que é contingente e provisório, transformando os pressupostos e construções socioculturais em dogmas e ortodoxias. Teria sido a partir de um ponto de vista semelhante a esse que Theodor Adorno, salienta Said, em sua autobiografia escrita no exílio, *Minima Moralia*, havia sustentado que tudo em nossa vida, incluindo os objetos que possuímos, eram, “em última análise, uma mera mercadoria”. Com isso, não seria adequado nem mesmo “se sentir em casa na própria casa”. O melhor seria, então, olhá-la com o distanciamento.¹⁰

Quer dizer, nas reflexões de Edward Said, o exílio aparece tanto como uma “fratura incurável”, que produzirá uma tristeza que jamais poderá ser superada, quanto uma possibilidade de justapor diferentes perspectivas culturais, algo que reduzirá essencialismos e intransigências culturais, ampliando, por outro lado, a empatia com o outro. E sem ficar preso, sobretudo às amarras de sentimentos nacionalistas, o exilado poderia ainda alcançar um verdadeiro sentimento de realização ao abrir mão da noção de terra natal, assim como aludiu, em um passado já tão remoto, o monge da Saxônia.

“Um feixe de correntes que fluem”: memória e representação

O crítico italiano Antonio Gramsci disse certa vez: “para ter uma consciência crítica é preciso primeiro ter uma noção do que você realmente é historicamente, embora sua história seja o resultado de uma enorme confusão de vestígios deixados dentro de você”. Penso que o que você tem a fazer é converter esses rastros em uma narrativa.¹¹

Edward Said decidiu escrever suas memórias, o “registro de um mundo essencialmente perdido ou esquecido”, em 1994, ao receber o diagnóstico de leucemia que o levaria à morte quase dez anos depois. Por cinco anos, em hospitais, na sua casa em Nova York, ou mesmo abrigado

¹⁰ SAID, Edward, Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 57-8.

¹¹ *Idem*. *The idea of Empire*. Documentário, 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Eyd9tViret8>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

por amigos, na França e no Egito, enquanto a doença o relegava à angústia ou dispunha-lhe alguma trégua, a escrita de seu manuscrito deu-lhe uma maneira de “construir alguma coisa em forma de prosa”. A inscrição de sua vida e o curso da sua enfermidade mesclaram-se, assim, em um movimento, como ele mesmo aludiu, que ia de uma palavra a outra, de um estado físico a outro.

Quanto mais essa relação se desenvolvia, mais importante ela se tornava para mim, e mais minha memória também – sem nenhuma ajuda a não ser a da reflexão concentrada numa investigação arqueológica de um passado muito distante e essencialmente irrecuperável – parecia receptiva e generosa com minhas incursões quase sempre inoportunas.¹²

O diagnóstico de uma doença sem cura assinalou a importância de deixar o relato acerca da primeira parte da sua vida, ou seja, os anos de formação no mundo árabe – em particular em Jerusalém, no Cairo e na cidade montanhosa de Dhour el Shweir, onde sua família costumava passar férias –, bem como sua ida aos Estados Unidos, no início de 1950, período em que finalizou o colégio e cursou a universidade até a pós-graduação, ao longo de uma década inteira. Embora a narrativa de Said deslize, em diversas ocasiões, entre as ocorrências desse período para desfechos ou fatos de um passado mais recente, foi, principalmente, em torno dos primeiros 25 anos de sua vida que suas memórias deram contorno, com uma riqueza impressionante de detalhes, aos diferentes acontecimentos e momentos de sua infância e juventude.

Em suas memórias, Said não parece preocupado em reunir uma sequência de fatos conferindo-lhes relações inteligíveis e um sentido capaz de produzir a ilusão, como apontou Pierre Bourdieu a respeito do gênero biográfico¹³, de uma história de vida coerente e totalizante. Sua trajetória, ao contrário, emerge em meio a uma pletora de sentimentos, percepções, julgamentos e reflexões, atribuindo à subjetividade um lugar de primazia.

¹² SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 11 e 318-9.

¹³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-91.

Não por acaso, no último parágrafo do seu texto, Said diz, com poesia e liberdade, ver a si mesmo não como uma identidade sólida e estática. Pelo contrário, ele se reconhece acima de tudo como uma reunião de correntes que se movimentam nem sempre na mesma direção:

Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade que tanta gente dá importância. Essas correntes, como os temas da vida de uma pessoa, fluem ao longo das horas de vigília e, em seu melhor estado, não requerem nenhuma reconciliação, nenhuma harmonização. Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo, no espaço, em toda espécie de estranhas combinações que se movem, não necessariamente para frente, às vezes umas em choque com as outras, fazendo contrapontos, ainda que sem um tema central.¹⁴

Nesse viés, mais do que apresentar uma narrativa coerente ou uma sequência encadeada de fatos, as memórias escritas por Edward Said abrem espaço para um lugar de fala, que dá voz a um exilado palestino constantemente imbuído de um sentimento de deslocamento. Como afirma Ionna Luca, em um artigo que analisa o viés político das memórias de Said, o intuito de levar a público o registro de sua vida pode também ser visto em paralelo com vários de seus trabalhos que, nitidamente, buscaram dar visibilidade às vozes e histórias palestinas.¹⁵

O livro *After the last sky: palestinian lives*, escrito por Said entre os anos de 1985 e 1986, em parceria com o trabalho de Jean Mohr, fotógrafo de origem suíça e palestina, constituiu um exemplo nítido desse esforço. Já nas primeiras páginas, Said ilumina seu propósito de falar sobre os palestinos algo que ainda não havia sido contado. A ideia seria dar ensejo à interação entre imagem e texto no interior de vários gêneros textuais misturados entre si. Essa escrita híbrida e fragmentária não estaria interessada em exibir histórias lineares e bem amarradas. Nem mesmo em expor argumentos políticos. O propósito central seria apresentar uma visão multifacetada, capaz de iluminar as diversas e complexas experiências

¹⁴ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 429.

¹⁵ LUCA, Ionna. Edward Said's lieux de mémoire, *Social text*, Duke University Press, v. 24, n. 87, 2006, p. 128.

de pessoas comuns imersas em seu cotidiano, a fim de substituir os problemáticos e prejudiciais estereótipos tão comuns a respeito do povo palestino. A intenção seria, como diz Said, mostrar “Palestinians through Palestinians eyes”.¹⁶

Na verdade, seria mais acurado ver *After the last sky: palestinian lives*, assim como, de certo modo, suas próprias memórias, como um desdobramento da sua obra mais conhecida, *Orientalismo*, publicada em 1978, que procurou analisar a intrínseca relação entre discurso, representação e poder na constituição europeia do termo Oriente. Nessa reflexão, que abriu espaço para uma vasta produção acadêmica no campo dos chamados estudos pós-coloniais, o Oriente aparece como um conceito, portador de uma história e tradição de pensamento criado *no e para* o Ocidente. Assim, as inumeráveis narrativas ou criações imagéticas, baseadas em um conjunto de “desejos, repressões, investimentos e projeções”, foram largamente produzidas e deram centralidade a uma consciência soberana europeia, que, no interior de uma relação de dominação colonial, construiu aquilo que se denominou oriental. Em uma passagem de *Orientalismo*, Said evoca, por exemplo, a viagem de Flaubert ao Egito e seu encontro com a famosa dançarina egípcia chamada Kuchuk Hanem, que posteriormente apareceria em suas novelas.

Há muito pouca anuência, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert com uma cortesã egípcia tenha produzido um modelo amplamente influente da mulher oriental; ela nunca falou de si mesma, nunca representou suas emoções, presença e história. *Ele* falou por ela e a representou. Ele era estrangeiro, comparativamente rico, homem, e esses eram fatos históricos de dominação que permitiram não apenas que ele possuísse Kuchuk Hanem fisicamente como também que ele falasse por ela e contasse aos seus leitores de que maneira ela era “tipicamente oriental”.¹⁷

Tudo o que se sabe sobre Kuchuk Hanem vem da pena de Flaubert. Ela nunca falou por si mesma. De modo similar, essa também foi a crítica

¹⁶ SAID, Edward. *After the last sky. Palestinian lives*. Nova York: Columbia University Press, 1999, p. 6.

¹⁷ *Idem. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 17-9.

que Edward Said dirigiu à produção literária de Albert Camus, para ele, escritos “modelados por uma sensibilidade colonial extraordinariamente tardia”. É verdade, aponta Said, que as obras de Camus são lidas como “parábolas da condição humana”. No entanto, continua ele, no enredo de *A peste* uma significativa parte da população árabe é morta, mas apenas o médico Rieux e o amigo Taurou “são impelidos à ação”. Em *O estrangeiro*, como se sabe, o personagem Meursault, imerso em um sentimento de indiferença, que o acompanha por toda a narrativa, mata um árabe na praia, que não recebe nem mesmo um nome e “parece não ter história, muito menos pai e mãe”.¹⁸

A indiferença ante o árabe morto na história de Camus, juntamente com seu anonimato, inspirou já mais recentemente o romance do argelino Kamel Daoud, publicado em 2013, que, provavelmente ciente dos debates pós-coloniais, escolheu dar vez a uma narrativa imbricada com o enredo de *O estrangeiro* a fim de conferir ao árabe morto na praia tudo o que lhe foi negado, um nome, uma família, uma história. “Meu irmão se chamava Moussa”, diz o narrador da história, e “no último dia de sua vida, eu tinha sete anos”.¹⁹

As memórias escritas por Edward Said podem ser vistas, com isso, não apenas como o registro de sua vida, mas igualmente como um espaço de fala e representação de um palestino vinculado à sua condição de exilado. Em seu texto, Said percorre lugares, descreve parentes e amigos, e assim leva o mundo árabe para o centro da cena, tendo em vista os laços indissolúveis das ocorrências da sua vida com o dilema do povo palestino.²⁰

¹⁸ SAID, Edward. Camus e a experiência colonial francesa. In: SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 228.

¹⁹ DAOUD, Kamel. *O caso Meursault*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 33.

²⁰ Em seu artigo, Ioana Luca recupera o conceito *lieux de mémoire*, cunhado pelo historiador Pierre Nora, para afirmar que as memórias de Edward Said funcionam também como um lugar de memória para a Palestina por meio da relação constantemente cultivada entre nação, memória e identidade. Diz a autora: “Said’s representation of Palestine, his family background, and his early life revealed in the memoir fit perfectly with Nora’s definition of sites of memories. The episodes that Said depicts and the places and people that he describes are all moments of history turned away from the movement of history and then returned, through personal recollection, to the pages of his memoir, thus becoming a Palestinian ‘site of memory’ so much feared and critici-

Nesse sentido, a autobiografia de Edward Said acaba por estabelecer profundos laços com sua própria obra e projeto intelectual, sem que um texto se reduza ao outro, assumindo suas palavras, assim, uma forma de resistir ao esquecimento e ao silêncio.

Fora de lugar²¹

Edward Said inicia suas memórias contando ao leitor que desde a infância carregou consigo a sensação predominante de sempre estar fora de lugar. Esse sentimento surgiu e instalou-se em sua vida em decorrência da sua condição de exilado, em conjunto com uma trajetória continuamente marcada pela justaposição de diferentes realidades culturais. Embora Said tenha nascido em Jerusalém, em 1935, sua família, naquela altura, já havia se estabelecido no Egito, por causa dos negócios de seu pai. Foi lá que Said cresceu e frequentou escolas de língua inglesa.

No contexto do Oriente Médio, sua família de origem cristã ortodoxa representava uma minoria em um cenário de maioria muçulmana. Logo criança recebeu a cidadania norte-americana, conseguida por seu pai, e, assim, em meio a mais de uma referência identitária no final da sua juventude, foi terminar o colégio e fazer seus estudos superiores nos Estados Unidos, onde residiu até sua morte. Seu nome, como ele mesmo ressalta, era a conjunção um tanto “desconfortável” desses dois universos, o Ocidente e o Oriente, imersos no contexto colonial. “Levei quase cinquenta anos para me acostumar” com Edward, um nome tipicamente inglês, “atrelado à força ao sobrenome inequivocamente árabe Said”. De modo equivalente, a língua alojou-se nessa reflexão. “O fardo que esse nome representava sobre meus ombros tinha como paralelo um dilema semelhante”, escreveu Said. “Eu nunca soube”, afirmou, “que língua falei

zed by his opponents”. LUCA, Ionna. Edward Said’s lieux de mémoire”. *Social text*, Duke University Press, v. 24, n. 87, 2006, p. 137.

²¹ Essa expressão faz menção ao título dado por Edward Said para suas memórias, em inglês *Out of place*. Embora a tradução em português tenha escolhido as palavras “Fora do lugar” como transposição, considero a expressão “Fora de lugar” como sendo mais ajustada para as ideias discutidas neste artigo.

primeiro, se árabe ou inglês, ou qual das duas era realmente a minha acima de qualquer dúvida.”²²

A colonização europeia no Oriente Médio, certamente, fez com que Said desde criança presenciasse em seu cotidiano diferentes universos culturais. No entanto, sua profunda inserção tanto no mundo árabe, onde nasceu, quanto no Ocidente, onde estudou e trabalhou durante toda a sua vida, decorreu, em grande parte, da singular trajetória de seu pai, um bem-sucedido empresário, desde jovem entusiasta da vida e da mentalidade norte-americanas. Nascido em Jerusalém, seu pai, Wadie Ibrahim, deixou a Palestina, em 1911, para escapar do recrutamento no exército otomano, que naquela época estava selecionando jovens palestinos como “bucha de canhão”, em uma expressão do próprio Said, para lutar na Bulgária. Embarcou em um cargueiro britânico para Liverpool, onde ficou até conseguir trabalho como camareiro em um navio de passageiros que seguiria para Nova York. Após regularizar sua documentação, conseguiu trabalho como vendedor e estudou na Western Reserve University. Durante a Primeira Guerra Mundial, alistou-se na Força Expedicionária Americana, sendo enviado para lutar em território francês contra o exército alemão. Com o fim da guerra, recebeu a cidadania norte-americana e abriu uma empresa de tintas em Cleveland, onde morou até seu retorno à Palestina, em 1920, a pedido de sua mãe, avó de Said.

Seu pai, que, após o retorno ao Oriente Médio, adotaria o nome William A. Said, sempre dizia que os Estados Unidos eram o seu país. Tinha sido ali que ele aprendera algo que o conduziu pela vida toda, a prática do progresso pessoal. Na Palestina, começou uma empresa com seu cunhado, marido da tia Nabiha, e, em 1929, decidiu se instalar no Cairo com o objetivo de expandir os negócios. Em pouco tempo, tornou-se um empresário muito bem-sucedido, no campo do comércio de materiais e máquinas de escritório, com lojas no Cairo, Alexandria e representações em diversos lugares ao redor do Canal de Suez. Em vários momentos de suas memórias, Edward Said comentou sobre a generosidade de seu pai, que sempre financiou seus estudos, com “imoderada despesa”, em particular nos Estados Unidos, sem impor ou exigir que ele seguisse

²² SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 19-20.

esse ou aquele caminho profissional. Mas também comentou acerca da turbulenta relação que tiveram por anos a fio. “Meu pai representou uma combinação devastadora de poder e autoridade, disciplina racionalista e emoções reprimidas”, que teve, segundo Said, “alguns bons efeitos”, porém “outros inibidores e debilitantes”.²³

Sua mãe, Hilda, que Said menciona ter sido “com certeza a companheira mais próxima e íntima” durante os primeiros 25 anos de sua vida, nasceu em Nazaré, naquela época território palestino, embora sua própria mãe fosse libanesa. Ainda criança, seu pai, um pastor batista fundamentalista, a enviou para uma escola americana para meninas, que funcionava como um internato, em Beirute, onde permaneceu para cursar a universidade. Said descreveu sua mãe na juventude como uma menina popular e brilhante, quase sempre a primeira da turma. Sua excelência linguística era incomum, fazendo-a dominar não apenas o inglês e o francês, mas também o árabe clássico e o demótico. Entretanto, aos 18 anos foi, como Said salientou, “arrancada do que era – ou parecia ser, retrospectivamente – uma vida maravilhosa e de realizações de Beirute e levada de volta à velha e casmurra Nazaré, onde foi entregue a um casamento arranjado com meu pai”.²⁴

Seus pais eram então, nas palavras de Said, “dois palestinos com retrospectos e temperamentos dramaticamente diferentes vivendo numa Cairo colonial como membros de uma minoria cristã em meio a um grande arquipélago de minorias”.²⁵ Ou seja, as diferentes referências linguísticas, religiosas e culturais a que esteve exposto desde seu nascimento, mais tarde somadas ao exílio palestino e à sua ida aos Estados Unidos, fizeram com que Said repetidas vezes colocasse como tópico de reflexão esse “feixe de correntes” que o constituíam. Mas, se essa sensação fragmentada lhe pareceu vantajosa na maturidade, quando aprendeu a não mais preferir estar no lugar certo, durante sua juventude, em particular, desejou com veemência uma identidade única, completa, ou, ao menos, aparentemente coerente.

²³ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 427 e 31.

²⁴ *Ibidem*, pp. 427 e 34.

²⁵ *Ibidem*, p. 42.

Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito umas com as outras –, junto com uma aguda lembrança do sentimento de desespero com que eu desejava que fôssemos completamente árabes, ou completamente europeus e americanos, ou completamente cristãos ortodoxos, ou completamente muçulmanos, ou completamente egípcios, e assim por diante.²⁶

Em muitas dimensões de sua vida, Said vivenciou essa sensação de estar fora de lugar. Como palestino no Egito, como um indivíduo vindo de uma família cristã ortodoxa no interior de um contexto majoritariamente muçulmano, como cidadão americano em um mundo árabe colonizado, e, entre outros aspectos, como um garoto de língua árabe em escolas inglesas sediadas no Oriente Médio. Esses diferentes panoramas, cada qual com suas particularidades, foram extensamente explorados por Said. No entanto, as instituições educacionais por onde passou, como ele mesmo salientou, “tiveram um lugar privilegiado na história” de sua vida. Primeiramente, porque ele mesmo havia sido um educador, mas também porque esses lugares representavam uma espécie de “microcosmos” das cidades e metrópoles que fizeram parte da sua trajetória, sendo, por isso mesmo, palco de constantes experiências coloniais, algumas delas difíceis de serem esquecidas.²⁷

A primeira escola de Edward Said foi a Gezira Preparatory School, onde ele estudou dos 6 aos 11 anos, com alguns períodos de interrupção. Tratava-se de uma instituição inglesa voltada para o ensino primário. Embora sediada no Cairo, não havia ali professores egípcios. Além disso, as aulas e livros, como salientou Said, eram “desconcertadamente ingleses”. Aprendia-se sobre a geografia, a história e a glória inglesas em meio aos exercícios de escrita, aritmética e recitação. “O estranho”, escreveu, foi “que todos éramos tratados como se devêssemos (ou quiséssemos de verdade) ser ingleses”²⁸.

Foi na Gezira Preparatory School que Said, ainda muito jovem, vivenciou um episódio que o marcaria profundamente e que ele reconheceu, anos mais tarde, como sendo sua primeira experiência do sistema colonial

²⁶ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 22.

²⁷ *Ibidem*, p. 15.

²⁸ *Ibidem*, pp. 69-70.

britânico no mundo árabe. Por causa de uma infração cometida durante a aula, aos oito anos Said foi levado à sala onde estava o marido da diretora da escola. Ele sabia que seria repreendido, mas talvez não imaginasse a severidade da punição.

Ele me puxou pela nuca e depois forçou-a para baixo e me virou, de modo que fiquei meio curvado diante dele. Com a outra mão ele ergueu a vara e me açoitou três vezes no traseiro; ouvia-se um assobio cada vez que a vara cortava o ar, seguido de um estalo abafado quando ela me atingia. A dor que eu sentia era menor que a raiva que ardia em mim a cada golpe desferido em silêncio por Bullen. Quem era esse brutamontes para me bater de modo tão humilhante?²⁹

O incidente chegou aos ouvidos de seu pai, que, em vez de se indignar, não expressou nenhuma objeção. Pelo contrário, recriminou-o por sua suposta malcriação, o que evidenciou para Said um pacto subjacente de aceitação e servilismo tanto por parte dos professores como por parte dos alunos e seus pais. Pouco tempo depois de ter sido “açoitado”, como ele mesmo definiu, um novo “encontro colonial” ainda mais agudo e explícito ocorreu quando passava pelos vastos campos externos do Gezira Club, ao voltar para casa ao anoitecer. O secretário do clube, frequentado pela elite endinheirada do Cairo e do qual seus pais eram sócios, o advertiu com rispidez, mal escutando sobre o vínculo de sua família com aquele espaço. “Não seja insolente, garoto”, disse ele. “Simplesmente, dê o fora, e seja rápido. Árabes não são permitidos aqui, e você é um árabe!”

Décadas mais tarde, Said elaboraria, de modo mais claro em suas memórias, o significado que aquele episódio teve para ele:

Se eu nunca antes havia pensado em mim como árabe, agora aprendia diretamente o significado da designação como uma verdadeira mutilação. [...] O que me incomoda, cinquenta anos depois, é que, embora o episódio tenha permanecido comigo por tanto tempo, e embora ele seja doloroso agora como na época, parecia existir um pacto fatalista entre meu pai e eu sobre nosso status necessariamente inferior.³⁰

²⁹ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 73..

³⁰ *Ibidem*, pp. 76-7.

Em 1946, com o final da Segunda Guerra Mundial, Said foi matriculado na Cairo School for American Children, uma escola norte-americana que, segundo ele, representava acima de tudo a passagem de uma perspectiva imperial para outra. “A grande mudança”, sublinhou, “foi a substituição de instituições e indivíduos britânicos pelos vitoriosos americanos, o velho império dando lugar ao novo”.³¹ E, com olhar crítico, enfatizou: “depois do hierárquico e rígido sistema britânico”, a escola americana primava pela informalidade “em todos os sentidos”.³²

O ensino ali deveria ocorrer de modo mais atraente, como um passeio, ironizou Said, pelos subúrbios de St. Louis ou Los Angeles, locais não tinham relação alguma com a sua realidade cotidiana. As carteiras ficavam espalhadas livremente, havia no currículo o aprendizado da língua árabe, e expressões como “boa cidadania” faziam parte do vocabulário dos professores, algo inimaginável na Gezira Preparatory School. Porém, mesmo tendo a cidadania norte-americana, que poderia aproximá-lo de outros estudantes, Said sentia-se estrangeiro, como ele mesmo expressou, “um forasteiro pagante”, e não raro esses mundos justapostos constantemente o desafiavam e lhe causavam embaraços. A Cairo School for American Children, teria obrigado Said

a ver em “Edward”, com mais propriedade do que nunca, uma construção falha, assustadora e incerta. A sensação geral que eu tinha da minha problemática identidade era a de um americano dentro do qual espreitava outra identidade, árabe, da qual eu não extraía força nenhuma, apenas embaraço e desconforto.³³

Em 1947, sua família decidiu passar boa parte do ano em Jerusalém, e, por conta disso, Edward Said foi matriculado na St. George’s School, a escola que havia frequentado seu pai, e provavelmente seu avô, e que ele voltaria a visitar em 1998, com o propósito de rever e mostrar aquele espaço ao seu filho, como mostra o documentário *In search of Palestine – Edward*

³¹ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 129.

³² *Ibidem*, p. 131.

³³ *Ibidem*, p. 140.

Said's return home, produzido pela BBC.³⁴ O ensino não lhe deixou nenhuma marca significativa, e, apesar do ambiente ao redor exalar a tensão de uma mudança profunda de identidade que a Palestina estava prestes a sofrer, Said sentiu ao longo daquela curta estadia um ainda incomum sentimento de familiaridade e pertencimento. “Em pouco tempo estava completamente à vontade”, frisou Said, já que “pela primeira vez em minha vida escolar eu estava entre meninos iguais a mim”, vindos de famílias conhecidas.

Esse sentimento, entretanto, não iria perdurar por muito tempo. De volta ao Cairo, Said retornou, por um curto período, entre 1948-1949, à Cairo School for American Children até ser admitido na Victoria College, uma escola inglesa que trazia de volta para sua vida toda a rigidez da mentalidade colonial britânica e, com isso, “um profundo sentimento de solidão”. Naquele ambiente, o inglês era a língua oficial e o árabe, idioma proibido entre os alunos, era usado nos momentos de afronta e resistência. Já mais velho, com 15 anos, Said começou a fazer parte de um “grupo insubordinado de estudantes”, na medida em que “não era nem inglês nem egípcio, mas certamente árabe”, diante de um corpo docente que os via “como uma tarefa desagradável ou como um grupo de delinquentes a ser punido a cada novo dia”.³⁵

É nesse momento também que Said narra, com beleza e sensibilidade, sua gradual imersão no mundo das ideias e da reflexão crítica, e as consequências sem retorno da liberdade e independência que essas leituras iriam lhe proporcionar, a partir dos livros que tomava emprestado de amigos e conhecidos próximos:

[...] e no meio da minha adolescência me percebia fazendo conexões entre livros e ideias disparatados com considerável desenvoltura. [...] Meu maior dom era a memória que me permitia recordar visualmente passagens inteiras dos livros [...]. Eu tinha momentos de exultante recordação, que me habilitavam a examinar um mar de detalhes, identificando padrões, frases, agrupamentos de palavras, que eu imaginava se desdobrando e se entrelaçando sem parar. [...] O que eu tecia e voltava a tecer em minha cabeça tinha lugar entre a superfície trivial da realida-

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ghfqZgugpdo>> Acesso em 15 de dezembro de 2021.

³⁵ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 267 e 272.

de e um nível mais profundo de percepção de uma outra vida composta de partes maravilhosas e inter-relacionadas – partes de ideias, passagens literárias e musicais, memória pessoal, observação cotidiana –, nutridas não pelo “Edward” que minha família, os professores e mentores contribuíam para construir, mas por meu eu interior, íntimo e muito menos submisso, um eu que poderia ler, pensar e mesmo escrever de modo independente de “Edward”.³⁶

Quando Edward Said foi enviado aos Estados Unidos por seu pai em 1951, aos 16 anos, para terminar o colégio e cursar a faculdade, a fim de efetivar sua cidadania norte-americana, que exigia a permanência de cinco anos no país até a idade de 21 anos, novas experiências de deslocamentos e inadequação foram vividas, mas agora no interior de uma visão crítica muito mais aguçada atrelada às descobertas intelectuais, musicais e imaginativas que não mais cessavam. Em Mount Hermon, onde terminou o colegial, ficou conhecido como alguém com um “cérebro poderoso”. Mas, apesar do seu desempenho ímpar, que deveria lhe render o convite de orador da turma ou formatura, Said, em razão de seu “passado incomum”, foi preterido por um rapaz, popular na escola, que nunca havia passado da sexta ou sétima colocação. “Aquilo”, disse Said, “me forçou a me ver como marginal, não americano” e, “fizesse o que fizesse, continuaria sendo o forasteiro”. E, com uma hostil indiferença, vestido de toga e barrete, viu sua formatura como “um evento deles” e não seu.³⁷

Como se sabe, depois disso Edward Said fez sua graduação e pós-graduação em universidades norte-americanas de grande prestígio, tornando-se professor de literatura comparada em Columbia, onde ensinou por quarenta anos. O fato de ter estabelecido residência em Nova York parece não ter apagado esse sentimento de deslocamento que tanto povoou suas memórias e o representou nos diferentes momentos da sua trajetória. “Até hoje”, afirma Said nas páginas finais de suas memórias, “ainda me sinto longe de casa, por mais risível que isso possa soar”. Mas, se na juventude esse sentimento provocava-lhe angústia e solidão, no período que viveu e trabalhou nos Estados Unidos, quando também vivenciou

³⁶ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 245-6.

³⁷ *Ibidem*, p. 365.

inúmeros deslocamentos “entre países, cidades, domicílios, línguas e ambientes”, a certa altura, em meio a “tantas dissonâncias”, aprendeu a estar fora de lugar, preferindo, como ele mesmo sublinhou, “vagar sem lugar fixo, não possuir uma residência e jamais se sentir demasiado em casa onde quer que seja”..³⁸

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-91.

BRODSKY, Joseph. *Sobre o exílio*. Belo Horizonte:Âyiné, 2018.

DAOUD, Kamel. *O caso Meursault*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

LUCA, Ionna. Edward Said's lieux de mémoire, *Social text*, Duke University Press, v. 24, n. 87, pp. 125-44, 2006.

SAID, Edward. *After the last sky. Palestinian lives*. New York: Columbia University Press, 1999.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁸ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 321 e 427.